



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**CRISTIANA FERNANDES DE SOUZA  
GABRIELA FERREIRA DE JESUS**

**TOQUE FEMININO:  
MULHERES PERCUSSIONISTAS DE SALVADOR**

Salvador  
2019

**CRISTIANA FERNANDES DE SOUZA  
GABRIELA FERREIRA DE JESUS**

**TOQUE FEMININO:  
MULHERES PERCUSSIONISTAS DE SALVADOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Costa

Salvador  
2019

## AGRADECIMENTOS

Dedicamos este trabalho aos nossos pais – Rita Fernandes, Fátima Ferreira e Edson Luiz Jesus – pelo apoio que nos foi dado ao longo de todo o processo. Nosso muito obrigada às mulheres percussionistas por seu fazer artístico e por serem a nossa maior fonte de inspiração para este documentário.

Agradecemos também a confiança dos amigos e amigas - em especial à Rosana Silva - que acreditaram nesse projeto desde quando ele era apenas uma ideia; ao orientador Prof. Dr. Marcelo Costa por todos os conselhos e diálogos em prol de um bom trabalho; ao Prof. Dr. Guilherme Maia - nosso primeiro orientador - por sua contribuição no início do processo; à nossa equipe Fabíola Silva, Inagê Kaluanã e Jefte Rodrigues que com todo profissionalismo deram cor e forma àquilo que viram ainda no papel.

Agradecemos uma a outra pela nossa parceria, pois sabíamos que não seria fácil, mas que, juntas, iríamos mais longe. Esse projeto é apenas uma parcela de tudo que acreditamos que é possível se fazer em busca de um mundo melhor. Depositamos nossas energias e o resultado não foi outro: Vencemos! Vocês confiaram em nós, duas jovens batalhadoras e muito sonhadoras. Sem vocês *Toque Feminino* não seria o mesmo.

## RESUMO

Ainda é visível a assimetria de gênero em diversos setores do mercado de trabalho. Funções como a de instrumentista, visivelmente, são ocupadas, majoritariamente, por homens. Em consonância a este fato, as discussões sobre a representação feminina têm se intensificado, sobretudo no meio musical, levantando questões que vão desde a associação da presença feminina a algo exótico, à profissionalização, além do questionamento sobre sua identidade de gênero. Através destes questionamentos surge o documentário *Toque Feminino: Mulheres percussionistas de Salvador* que, aliado à linguagem performática e musical, se propõe a contar a trajetória de Mônica Millet, Adriana Portela, Rosemeire Santos (Ratinha), Maya Lord e Alana Gabriela, que escolheram o universo percussivo, não só como campo de atuação profissional, mas também de expressão e resistência frente à notória assimetria de gênero no cenário musical de Salvador. O ano de 1993 é o ponto de partida, pois demarca na história o surgimento de grupos femininos de percussão, a exemplo da Didá Banda Feminina e Bolacha Maria.

**Palavras-chave:** mulheres, gênero, percussão, música baiana

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....             | 5  |
| <b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....  | 7  |
| <b>3. METODOLOGIA</b> .....            | 13 |
| <b>4. DESENVOLVIMENTO</b> .....        | 15 |
| 4.1 RELATÓRIO DE PESQUISA.....         | 15 |
| 4.2 ARGUMENTO .....                    | 20 |
| 4.3 PERSONAGENS .....                  | 21 |
| 4.3.1 Adriana Portela .....            | 21 |
| 4.3.2 Alana Gabriela .....             | 21 |
| 4.3.3 Mônica Millet .....              | 21 |
| 4.3.4 Rosemeire Santos (Ratinha) ..... | 22 |
| 4.3.5 Taí Amaia (Maya Lord) .....      | 22 |
| 4.3.6 Goli Guerreiro .....             | 23 |
| 4.3.7 Zinha Franco .....               | 23 |
| 4.4 EQUIPE .....                       | 24 |
| 4.4.1 Fabiola Silva .....              | 24 |
| 4.4.2 Inagê Kaluanã .....              | 25 |
| 4.4.3 Jefte Rodrigues .....            | 25 |
| 4.5 GRAVAÇÕES .....                    | 26 |
| 4.5.1 Equipamentos .....               | 26 |
| 4.5.2 Locações .....                   | 26 |
| 4.5.3 Logística .....                  | 27 |
| <b>5. PÓS PRODUÇÃO</b> .....           | 28 |
| 5.1 DECUPAGEM .....                    | 29 |
| 5.2 MONTAGEM E FINALIZAÇÃO .....       | 29 |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 30 |
| <b>7. REFERÊNCIAS</b> .....            | 31 |
| 7.1 BIBLIOGRAFIA .....                 | 31 |
| 7.2 FILMOGRAFIA .....                  | 32 |
| <b>8. ANEXOS</b> .....                 | 33 |
| ANEXO 1 - Questionário da Pesquisa     |    |
| ANEXO 2 - Cronograma                   |    |
| ANEXO 3 – Fotos                        |    |

## 1. INTRODUÇÃO

Como reflexo do contexto do mercado de trabalho brasileiro, o meio musical apresenta também divisões de papéis a serem ocupados baseado na demarcação de gênero. Aos homens, ainda é reservado o papel de instrumentista e às mulheres cabe o lugar apenas de cantoras/divas ou dançarinas. No cenário da música percussiva feita em Salvador, somente a partir da década de 90, mulheres começaram a ocupar esse espaço.

Pode-se dizer que a criação da Didá Banda Feminina, em 1993, por Neguinho do Samba<sup>1</sup>, ex-maestro do grupo Olodum, foi um marco. Na mesma década, foram instituídos grupos compostos apenas por mulheres a exemplo do Bolacha Maria, criado por Carlinhos Brown, “As Meninas, Batom Lilás, Brincando de Eva, Arte de Saia e De Batom” (GUERREIRO, 2000, p. 206).

A antropóloga baiana, Goli Guerreiro, em seu livro *A Trama dos Tambores*, elenca possíveis motivos para essa assimetria de gêneros: “talvez seja uma contingência histórica que está ligada às origens da percussão na Bahia, desenvolvida em espaços rituais”. (GUERREIRO, 2000, p.197) Para a autora, “ há um elemento comum tanto à música ritual do candomblé e da roda de capoeira quanto ao ambiente percussivo profano: os homens tocam os instrumentos” (GUERREIRO, 2000, p.197). Porém não só a música baiana é afetada pela ausência das mulheres como instrumentistas, esta é uma característica do meio musical brasileiro como um todo. (GUERREIRO, 2000)

Quando falamos em música baiana, nos referimos desde as bandas de *axé music*, de pagode, samba, aos novos artistas que têm surgido na cena de Salvador e que também utilizam instrumentos de percussão na sua formação - como atabaque, timbal, pandeiro, agogô, surdo, *bongô*, marcação, caixa, dentre outros.

Mesmo com a constatação de que há grupos para experimentação musical restrito às mulheres, a atuação delas profissionalmente em bandas conhecidas no mercado musical baiano ainda é inexpressiva. Decidimos então mapear as percussionistas de Salvador, conhecer a trajetória de cada uma e elencar possíveis causas dessa desigualdade. Para isto, se fez necessária a aplicação de um questionário – visto que não havia nenhuma pesquisa que revelasse dados sobre as mulheres percussionistas em Salvador.

---

<sup>1</sup> Antônio Luís Alves de Souza ([Salvador, 21 de junho de 1955](#) — Salvador, [31 de outubro de 2009](#), mais conhecido como Neguinho do Samba foi um músico brasileiro, a quem foi atribuída a criação do samba-reggae, fundador e um dos diretores do grupo Olodum e da Associação Educativa e Cultural Didá, ambos com sede no Pelourinho, em Salvador . Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Neguinho\\_do\\_Samba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Neguinho_do_Samba) Acesso em: 30 jun 2019 às 16h40min

O resultado da pesquisa ratificou algumas hipóteses que tínhamos e serviu como alicerce para que pudéssemos dar início à produção do documentário. Com isso, foi possível selecionar as percussionistas e as temáticas que julgamos serem as mais pertinentes para abordarmos no filme: o surgimento dos primeiros grupos, formação, religião, referências profissionais, motivação e preconceito. Também participam da discussão a antropóloga Goli Guerreiro e a produtora musical Zinha Franco.

Embora reconheçamos que alguns homens foram os responsáveis pela validação do acesso dessas percussionistas a diversos espaços, decidimos dar voz somente às mulheres neste documentário. Pois, “criar uma narrativa em torno de personagens mulheres é ampliar a voz de uma mulher oprimida” (MEDICI et al, 2017, p. 6).

Este memorial está dividido em duas partes. Na primeira, está a fundamentação teórica que corresponde à explicação de conceitos que foram úteis para a estruturação do trabalho. No que se refere à mulher na música percussiva baiana, atuantes em Salvador, demarcamos o nosso estudo a partir do surgimento da Didá, em 1993, até os dias atuais. Pesquisadoras como Luiza Bairros e Bell Hooks nos ajudaram a pensar sobre as questões de gênero e raça que estão postas no filme.

Em seguida, trazemos autores que nos ajudaram a pensar o produto e a sua concepção, como o crítico de cinema e teórico americano, Bill Nichols, Sergio Puccini e especialista em cinema, Cynthia Schneider. Na segunda parte, nos dedicamos a destrinchar os processos para o desenvolvimento e realização do média-metragem.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao ter acesso à história da percussão, é possível perceber que a década de 90 foi um momento marcante no que diz respeito ao início da vinculação da imagem feminina às bandas percussivas em Salvador. Neguinho do Samba, um dos criadores do ritmo *samba-reggae* decidiu se retirar da Banda Olodum, na época, considerada a entidade afro mais poderosa da Bahia para se dedicar exclusivamente ao seu projeto de formação de mulheres percussionistas batizado de Banda Didá<sup>1</sup> (GUERREIRO, 2000). O grupo, mais tarde, se tornou um projeto que promove atividades socioeducativas, como aulas de canto e dança afro voltados para mulheres e crianças.

Guerreiro aponta para um período de expansão na percussão e o surgimento de outros grupos, como a banda feminina Bolacha Maria, no Candeal, criada por Carlinhos Brown; da banda As Meninas, criada em 1997 - que conquistou projeção a nível mundial -, além de Batom Lilás, Brincando de Eva, Arte de Saia e De Batom (GUERREIRO, 2000). No entanto, verificase que a presença feminina na percussão se limita a essas bandas, revelando que ainda existe uma lacuna entre o mercado percussivo e essas mulheres ao observar a composição das bandas mais conhecidas no cenário da música baiana.

São Paulo, quarta-feira, 4 de maio de 1994

FOLHA DE S.PAULO **ilustrada**

[Próximo Texto](#) | [Índice](#)

### Meninas baianas trocam panela por timbau

FERNANDA SCALZO  
DA REPORTAGEM LOCAL

"Não é feminista, não. É feminina." Esta frase é como um coro que se ouve tanto das meninas da banda da escola Didá como das garotas da Bolacha Maria.

Mas se a palavra "feminismo" incomoda hoje em todos os cantos do país, as idéias feministas estão com tudo em Salvador.

As duas bandas, Didá e Bolacha Maria, se formaram no fim do ano passado. Tiveram seus cinco minutos de celebridade no último Carnaval, mas prometem emplacar definitivamente.

Didá (que em ioruba significa "ato de criação") é uma escola de música criada no Pelourinho por Neguinho do Samba, 38, mestre do Olodum. A banda das meninas é uma das atividades da escola.

A banda Bolacha Maria, criada por Carlinhos Brown, mestre da

Timbalada, reúne garotas de 15 a 21 anos, a maioria delas da comunidade de Candeal de Brotas, outro bairro pobre de Salvador.

Criadas por homens, na esteira do "boom" dos blocos baianos, as bandas femininas se dedicam agora a buscar sua "identidade".

Fig. 1: Reportagem do Jornal Folha de SP sobre o surgimento de grupos femininos percussivos em 1994

No cenário musical baiano – nos referimos aqui às bandas que utilizem instrumentos de percussão em sua composição - as mulheres, comumente, são vistas como cantoras/divas,

<sup>1</sup> Didá é uma palavra em yorubá que significa o poder da criação.



dançarinas ou produtoras. A parte instrumental fica sob a responsabilidade dos homens, sobretudo na percussão, elemento marcante na música baiana.

É difícil precisar as razões que determinaram esse tipo de sexismo, no entanto pode-se arriscar alguns fatores. O primeiro deles talvez seja uma contingência histórica que está ligada às origens da percussão na Bahia, desenvolvida em espaços rituais. Há um elemento comum tanto à música ritual do candomblé e da capoeira quanto ao ambiente percussivo profano: os homens tocam os instrumentos (GUERREIRO, 2000, p. 197)

Contudo, o professor de percussão na Escola de Música (EMUS - UFBA) e ogã<sup>2</sup>, Iuri Passos<sup>3</sup> - relembra no artigo *Elas Podem Tocar Atabaque* que:

As mulheres sempre tocaram no terreiro do *Gantois*, embora não fossem atabaques: *Mãe Menininha* tinha uma cabaça que acompanhava ela nas festas, com esse instrumento ela puxava as músicas antes dos *alagbês*<sup>4</sup> começarem a tocar, dando o ritmo da cantiga. (2016, n.p.)

Passos ainda constata que, apesar dos dogmas da religião não permitirem que as mulheres toquem nos tambores sacralizados, elas têm uma forte participação no processo de ensino dos ogãs no terreiro do *Gantois*, “dado que elas, ao introduzirem as nuances devidas, orientam os músicos com as marcações que os atabaques devem fazer quando os orixás estiverem dançando no salão”. (2016, n.p.)

Uma das entrevistadas, Mônica Millet, neta da *Yalorixá Mãe Menininha*, é uma das pioneiras no meio percussivo, iniciando sua carreira em 1975, muito antes do grupo Didá. Apesar de apenas tocar em momentos recreativos no *Gantois*, como nos sambas, foi neste ambiente que a percussionista deu início ao seu aprendizado. É, portanto, evidente que os homens têm, tradicionalmente uma maior aproximação com os tambores, e isso se reflete no mercado musical. A pesquisadora, musicista e integrante do projeto *Mestras do Saber*, Sanara Rocha, afirma:

Mulheres serem impedidas de tocar no tambor no espaço sagrado influi diretamente na reprodução dessa interdição nos espaços profanos. Não por mero acaso, automaticamente, associamos a ideia de percussionista à imagem de um “homem percussionista”. Não por acaso, é mais comum vermos, na maior parte das baterias percussivas populares (seja de samba, afoxés ou maracatus), mulheres relegadas aos tambores menores e aos instrumentos sacoditivos, quando não, restringidas somente ao espaço performático do

<sup>2</sup> Ogã – Título honorífico conferido, seja pela liderança do terreiro, seja por um Òrìsà incorporado, aos beneméritos da casa-de-santo, que contribuam com sua riqueza, prestígio e poder, para a proteção e o brilho do àse. (...) A iniciação dos ogãs é mais breve e se distingue daquela das iaôs, por excluir a catulagem, a raspagem e alguns outros rituais. Tal como as *ekedje*, os ogãs não são passíveis de transe. (PASSOS, 2016, n.p.)

<sup>3</sup> O nome completo do autor é Iuri Sergio Passos de Barros, mas é conhecido, inclusive no ambiente acadêmico por Iuri Passos.

<sup>4</sup> Alagbê – Ogã responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos musicais sagrados do candomblé. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alagb%C3%AA> Acesso em: 30 jun 2019 às 16h39min

corpo de baile. Não por acaso, é comum vermos mulheres serem convidadas publicamente a se retirarem do tambor principal nas rodas de capoeira por seus mestres e demais entes masculinos. (ROCHA, 2018, p.8)

Com isto, deduzimos que a relação construída dentro do espaço religioso, foi transposta e se tornou um elemento decisivo na construção social e para o reforço de estereótipos que determinam os papéis destinados a cada gênero dentro na música em Salvador. A socióloga Luiza Bairros nos elucida para o que pode estar imbricado nessa relação:

A reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal - passiva, emocional etc - como forma de lidar com os papéis de gênero (...) dessa perspectiva a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que no entanto fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais. (BAIRROS, 2014, p. 459)

De acordo com a antropóloga Goli Guerreiro (2000), a expansão da percussão, reconfigurou a posição da periferia para o *showbiz* e isso refletiu na participação de mulheres. Guerreiro ainda chama atenção para o fato de que “muitas percussionistas foram admitidas em grupos musicais e essa novidade terminou se transformando num *marketing* que incentiva a formação de várias bandas femininas” (2000, p. 198).

Em 2004, o maestro Letieres Leite idealizou a *Orquestra Obinrin*, grupo formado apenas por mulheres instrumentistas, para uma apresentação no 20º Panorama Percussivo Mundial (PercPan). Fizeram parte da formação as percussionistas: Mônica Millet, Rosemeire Santos (Ratinha), Tamima Brasil e Loíá Fernandes. Em entrevista ao Jornal O Globo<sup>5</sup>, o atual maestro da Orkestra Rumpilezz e do projeto Rumpilezzinho explica:

Quando estava na Ambah (Academia de Música da Bahia) desenvolvi um projeto para mulheres de acesso à música. Porque há uma dificuldade de elas chegarem a alguns lugares, tocarem alguns tipos de instrumento. Elas são levadas para a flauta, o piano, o canto, e não encontramos muitas no trombone, no trompete, na bateria, no baixo, na percussão mais pesada. Agora, acessei aquela experiência de maneira inconsciente e pensei na Obinrin, nome sugerido por Alê Siqueira que representa o feminino em iorubá. Lembrei de algumas dessas alunas de percussão, que tocavam tão bem quanto os meninos, mas não tinham oportunidade. (LETIERES LEITE, 2014, n.p.)

Segundo Médici, Castro e Monteiro,

As mulheres instrumentistas, as compositoras, ou mesmo as que trabalham nos bastidores, editando, produzindo e mixando as músicas, elas se tornam figuras de empoderamento feminino quando, ao assumir posições ocupadas

---

<sup>5</sup> Entrevista retirada de matéria do Jornal O Globo sobre o 20º PERCPAN. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/no-pelourinho-20-percpan-destaca-papel-da-mulher-na-musica-13370479>> acesso em: 09 jun 2019.

em sua maioria por homens, mostram que a mulher é capaz de exercer qualquer função dentro da indústria musical. (2017, p.8)

Para alicerçar a produção do documentário intitulado *Toque Feminino - Mulheres Percussionistas de Salvador*, aplicamos uma pesquisa com percussionistas que atuam ou já atuaram em Salvador. O único recorte que delimitado pelas autoras, a priori, foi o de gênero e, dentro dele, selecionamos as temáticas que julgamos relevantes para tratar na narrativa.

O resultado da pesquisa aponta que as percussionistas que se autodeclaram negras representam 68,2% das respondentes, na sequência temos pardas (20,4%), as que preferem não declarar (6,8%), as que se consideram brancas representam 2,3%, e indígenas equivale a 2,3%.

Embora tivéssemos a percepção de que a maioria das percussionistas são negras, decidimos em não fazer o recorte exclusivamente racial por entender que a mulher em si já é minoria no meio musical. Durante as entrevistas, mesmo que as perguntas fossem direcionadas à mulher na música, percebemos que as entrevistadas, a partir das suas vivências e percepções, tendiam a dissertar sobre a figura da mulher negra.

Portanto, se tornou imprescindível tratar neste produto a interseccionalidade de gênero e raça, não só na música percussiva, mas também no cinema para buscarmos entender como a mulher negra é olhada e como ela olha o cinema. A ativista negra norte americana, Bell Hooks aponta:

O “olhar” foi e é um lugar de resistência para o povo negro colonizado ao redor do globo. Os subordinados em relações de poder aprendem com a experiência que existe um olhar crítico, que ‘olha’ para documentar, que é opositivo. (HOOKS, 1992, n.p. tradução por Maria Carolina Morais)

Sobre a interseccionalidade, em *The Oppositional Gaze: Black Female Spectators*<sup>6</sup> (1992), Hooks crítica a teoria feminista do cinema que desconsidera a existência das questões raciais nesse campo.

(...) enraizada em um modelo histórico e psicanalítico que privilegia a diferença sexual, ativamente suprime o reconhecimento da raça, recriando e espelhando o apagamento da mulher negra que ocorre nos filmes, silenciando qualquer discussão da diferença racial – da diferença sexual racializada. Apesar das intervenções críticas feministas voltadas à desconstrução da categoria “mulher” que ressaltam a importância da raça, muitas críticas de cinema feministas continuam a estruturar seu discurso como se ele falasse das “mulheres” quando, na verdade, fala apenas das mulheres brancas. (HOOKS, 1992, n.p., tradução por Maria Carolina Morais)

---

<sup>6</sup> The Oppositional Gaze: Black Female Spectators, traduzido como O Olhar Opositivo: A Espectadora Negra, 2016, por Maria Carolina Morais. Disponível em <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>> Acesso em 09/06/2019 às 18h39

Temos aqui um produto audiovisual, desenvolvido a partir do olhar de duas mulheres negras, que põe em evidência percussionistas que protagonizam suas histórias, rompem paradigmas e ocupam espaços que ainda são dominados por homens.

Para este trabalho, utilizamos a definição de documentário adotada por Tevor Ponech:

O núcleo da não-ficção não consiste em uma relação objetiva indicadora, mas da ação de indicação, ou seja, alguém de forma deliberada e abertamente indicando algo a alguém. Documentários adquirem esse estatuto, porque são concebidos, criados, mostrados, e usados com determinados propósitos comunicativos definitivos em mente (...) eles são asserções cinematográficas, imagens naturalmente significativas que estão entre os elementos utilizados pelo comunicador para fins afirmativos. (PONECH apud SCHNEIDER, 2015, p. 16)

Schneider defende que “é precisamente no momento em que o documentário se acerca da música promovendo asserções prioritárias sobre seu universo que se encontra o gênero musical. Mais do que meramente promover um registro de temática musical, estes filmes problematizam um aspecto deste domínio”. (2015, p.8). Logo, para reforçar algo que está além do registro da musicalidade dessas mulheres, foi uma preocupação deste trabalho levantar questões que fizessem parte das disputas travadas pelas percussionistas na busca por espaço na cena musical soteropolitana e baiana.

Bill Nichols, em seu clássico *Introdução ao Documentário (2008)*, sugere seis modos para classificar os documentários. São eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Para Nichols:

Esses seis modos determinam uma estrutura de afiliação frouxa, na qual os indivíduos trabalham; estabelecem as convenções que um determinado filme pode adotar e propiciam expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas. Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo. (2008, p.135)

Desta forma, o produto documental intitulado *Toque Feminino - Mulheres Percussionistas de Salvador*, reúne os modos expositivo, reflexivo e poético. Ao final da produção, percebemos que há uma predominância do modo expositivo, devido aos depoimentos das mulheres que foram ancorados em imagens de arquivo. Já “o modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, (...) expõem um argumento ou recontam uma história” (NICHOLS, p. 142).

É visível também o modo reflexivo, ao passo que buscamos promover a reflexão sobre o lugar da mulher na música percussiva e seu processo artístico. De acordo com o teórico, “o surgimento dos documentários feministas dos anos 70 fornece um exemplo claro das obras que questionam as convenções sociais” (NICHOLS, p. 167).

Mais adiante, o autor indica que as produções deste subgênero “apontam para nós, espectadores e atores sociais, e não para os filmes, como agentes que podem fechar essa brecha entre aquilo que existe e as novas formas que desejamos para isso que existe”. (NICHOLS, p. 169).

O modo poético fica mais evidente no filme nos momentos em que tivemos a oportunidade de criar a partir do que foi dito em depoimento pelas personagens. A exemplo do trecho sobre as experiências das percussionistas, no qual, as vozes são sobrepostas, enquanto, na imagem, é exibido registros das bandas que estão sendo ditas, porém, de uma maneira desconexa. É possível identificar também no documentário outras características relacionadas ao modo poético como: a composição feita em programas de efeitos com informações sensoriais e emocionais, por meio de recursos narrativos visuais sonoros e cênicos; através da exploração das cores, do enquadramento, do uso dos espaços e da argumentação discursiva.

Segundo Nichols,

O modo poético sacrifica as convenções de montagem em continuidade (...) para explorar associações temporais e justaposições espaciais (...) é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam de solução. (2008, p.138)

Para isto, utilizamos recursos narrativos inerentes ao jornalismo e à direção cinematográfica, no qual as entrevistas, conjunto de planos, iluminação, e montagem foram planejados e executados de forma que contemplasse a particularidade de cada história e relação entre elas pelos temas abordados e outros recursos.

### 3. METODOLOGIA

O questionamento sobre a presença feminina em diferentes espaços sociais de forma igualitária é um interesse compartilhado pelas autoras, bem como as linguagens que aqui serão trabalhadas: a audiovisual e a musical.

Gabriela Ferreira, além de estudante de comunicação também atua no mercado da música baiana como cantora e já iniciou o curso de jornalismo com o desejo de realizar um trabalho de conclusão que, de alguma forma, envolvesse as duas áreas. Depois de seis anos de carreira, a ausência de mulheres como instrumentistas passou a ser um questionamento frequente para a cantora e estudante de jornalismo.

Gabriela teve a experiência de trabalhar diretamente com uma mulher percussionista e constatou como é difícil encontrar mulheres que tenham disponibilidade para ensaios, apresentações e que estejam motivadas a trabalhar apenas como instrumentistas.

Cristiana Fernandes, bacharela em Artes com ênfase em Cinema e Audiovisual pela UFBA, buscou o jornalismo como complemento da sua primeira formação. Atuante no mercado audiovisual desde 2010, a princípio, nas funções de produtora e repórter e, após um período, passou a exercer as funções de direção, filmagem e edição, áreas mais técnicas e majoritariamente ocupadas por homens. Na vida e em suas vivências profissionais, se tornou comum questionar a ausência ou os espaços estão reservados para as mulheres, sobretudo negras, em diversos setores sociais.

A parceria das autoras começou em outras produções acadêmicas, a exemplo do documentário *Uma Economia a Serviço da Vida*<sup>1</sup> e da produção de telejornais<sup>2</sup>, junto a colega Rosana Silva. Foi realizado em conjunto também o ensaio fotográfico *Mestre Percussa*<sup>3</sup>, que faz alusão à expressão que diz: “a percussão é a cozinha da música”.

Entendemos que a realização deste produto contribuiu para a nossa formação profissional e reforçou os nossos conhecimentos nas nossas então áreas de atuação, música e audiovisual, por meio da comunicação social/jornalismo - nossa atual área de estudo.

Para realizar este documentário fez-se necessária uma pesquisa aprofundada em livros, trabalhos acadêmicos, sites especializados na temática, registros musicais e redes sociais das percussionistas já conhecidas. Para além de encontrarmos fontes, essas pesquisas também se

---

<sup>1</sup> Documentário desenvolvido na disciplina COM112 Comunicação Audiovisual (Parte 1), com da profª. Lilian Mota. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=voxs6dzEyig&feature=youtu.be>>

<sup>2</sup> Produzido na disciplina COM 125 Telejornalismo, sob a supervisão do profº. Dr. Washington José de Souza Filho. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=dSqt8V6NQQk&list=PLDCuaO7y28vdWh5IRAIKpavZHZZGdzfu&index=27&t=240s>>

<sup>3</sup> Ensaio produzido com os músicos percussionistas Emerson Taquari e Tiago Nunes para a disciplina COM112 Comunicação Audiovisual (Parte 2), sob orientação do profº. José Mamede.

voltaram para afinarmos o nosso olhar a cerca de obras documentais, o que nos auxiliou na adoção de uma estrutura que favorecesse tecnicamente os vieses audiovisual, musical e cênico do documentário.

Como não encontramos nenhum mapeamento das percussionistas que atuam em Salvador, decidimos aplicar um questionário não só com a finalidade de identificar quem são essas mulheres, mas de estabelecer uma aproximação com elas.

Após a pesquisa, selecionamos quais seriam as personagens, de modo que cada mulher respondesse com a sua trajetória a uma temática específica. Para reforçar a fala das percussionistas e trazer outras visões, convidamos a antropóloga Goli Guerreiro, e a produtora musical Zinha Franco.

## 4. DESENVOLVIMENTO

### 4.1 RELATÓRIO DE PESQUISA

Este relatório apresenta o resultado do *Questionário - Mulheres Percussionistas* realizado através da ferramenta *Google Forms*, que buscou traçar o perfil socioeconômico e profissional das percussionistas que iniciaram sua carreira ou atuam no cenário musical de Salvador, além de conhecer a trajetória de cada uma das depoentes. A pesquisa foi aplicada entre 11 de junho de 2018 e 18 de janeiro de 2019, e contou com quarenta e quatro respondentes.

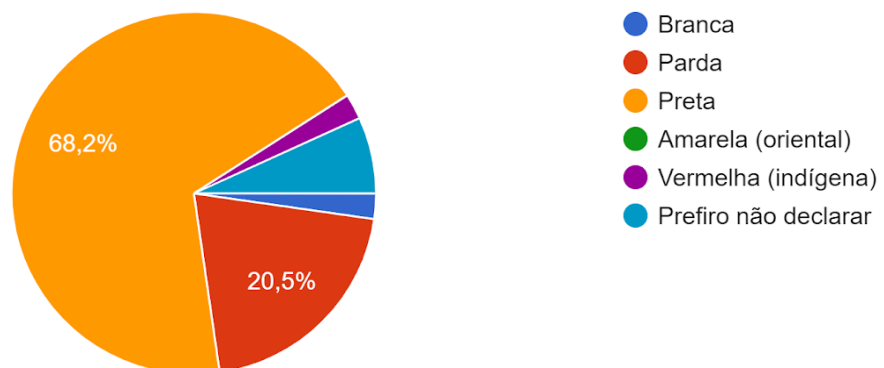
Do universo de 70 mulheres percussionistas que, de alguma forma, tiveram acesso ao link da pesquisa enviado pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, obtivemos a resposta de 62,9% destas, ou seja, mais da metade do público estimado.

Foi utilizada como estratégia atingir, sobretudo, integrantes de instituições de ensino musical como a Escola Criativa Olodum, Associação Educativa e Cultural Didá, Associação Pracatum Ação Social (APAS), Escola Ilê Aiyê, Quabales; grupos culturais a exemplo do Maracatu Ventos de Ouro, Mestras do Saber, Maracatu Santo Antônio; bandas e profissionais já consagradas dentro e fora de Salvador, previamente mapeados tais como Lan Lanh, Lenynha Oliveira, Michelle Abu, Tamima Brasil, Larissa Luz, Cortejo Afro e Denny Denan.

Veja abaixo alguns dos resultados encontrados:

#### Em relação à cor da pele, você se considera:

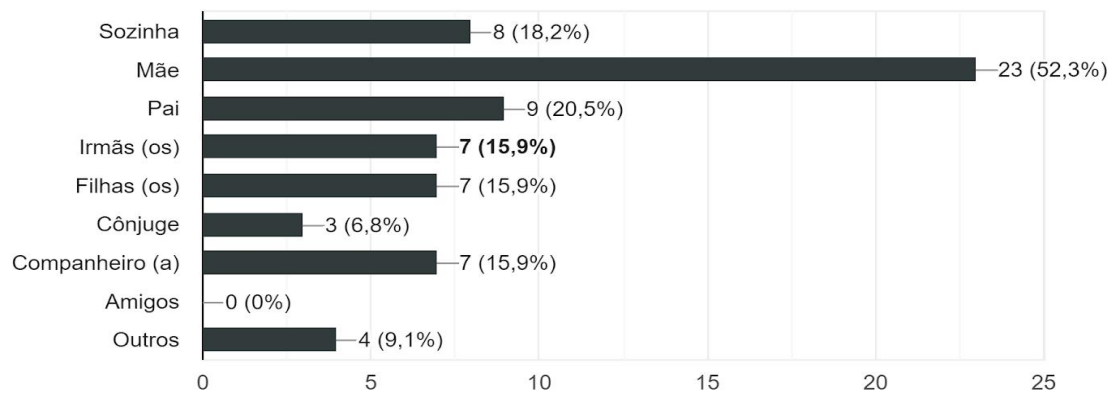
44 respostas





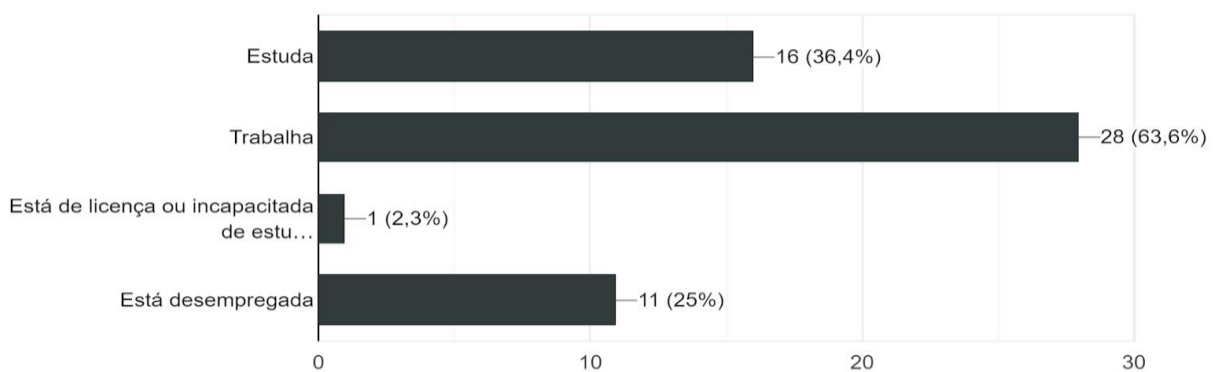
## Com quem você mora?

44 respostas



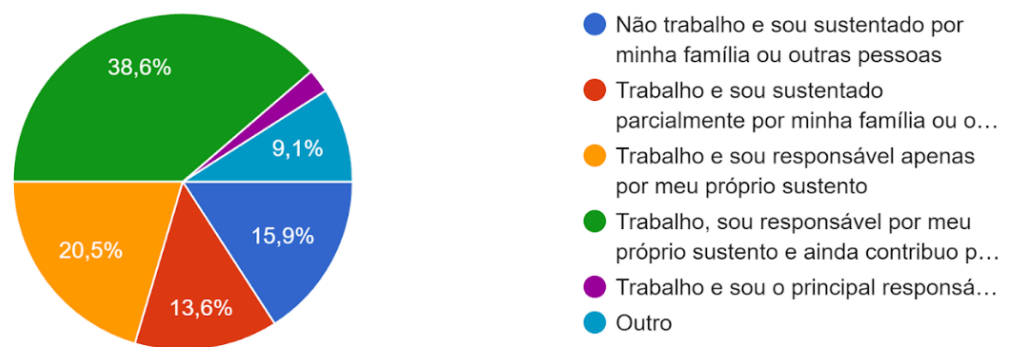
## Atualmente você:

44 respostas



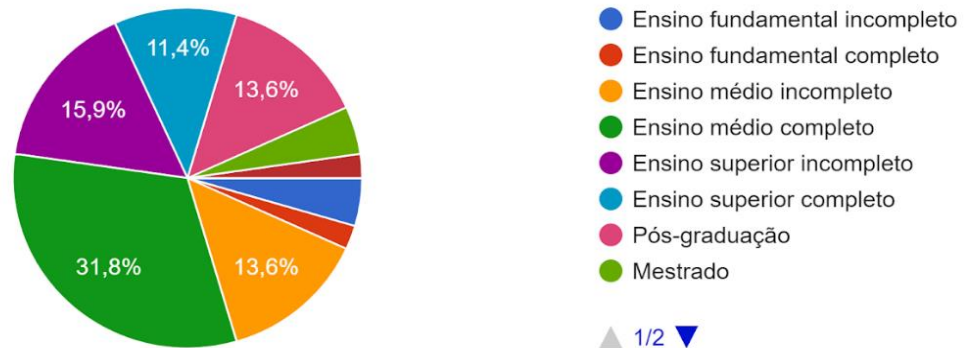
## Qual a sua participação na vida econômica do grupo familiar?

44 respostas



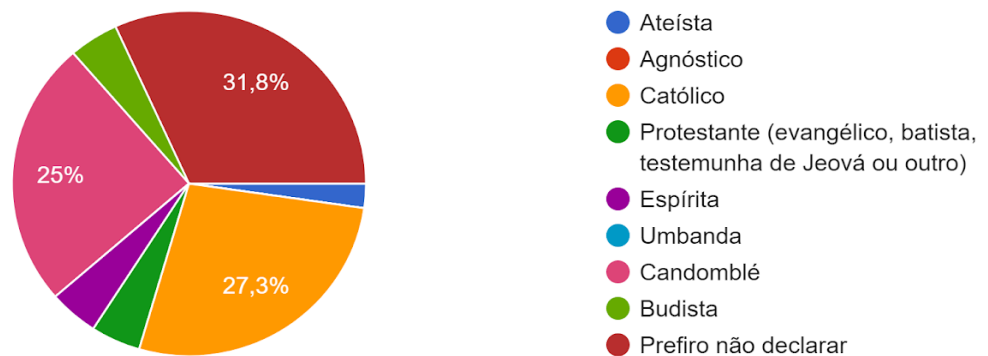
## Grau de escolaridade

44 respostas



## Em relação à religião, você é:

44 respostas



As participantes que possuem algum familiar que seja ligado à música representam 70,5% das respondentes e apenas 38,6% têm a música como fonte de renda ou ocupação principal. Em relação à atuação como percussionista, somente 13,3% nunca tiveram contato profissional com grupo ou bandas; 88,7% das mulheres participaram de alguma instituição de ensino voltada para música percussiva; as instituições com maior incidência de participação dentre as percussionistas foram Didá (14), Pracatum (9), UFBA (6) e Escola Criativa do Olodum (5).

As perguntas do questionário foram divididas entre múltipla escolha, para as questões mais gerais, e questões subjetivas, nas quais elas puderam discorrer sobre suas vivências de maneira individualizada. Abaixo, destacamos algumas respostas que nos ajudaram a pensar melhor e definir as temáticas que iríamos trabalhar no documentário.

### Como se deu o processo de aprendizagem da percussão?

Fiz uns cursos de teoria musical por pouco tempo, antes de começar a tocar profissionalmente, depois segui estudando mais autodidata e a experiência maior, a minha "universidade", "doutorado" foi na prática, 31 anos na Batida!

---

Percussionista 4, 50 anos

Naturalmente junto com a capoeira!

---

Percussionista 9, 32 anos

Ouvindo as músicas dos blocos afros. (Ilê, olodum, muzenza etc)

---

Percussionista 15, 36 anos

O processo foi bem natural. O meu pai não é músico mas tinha alguns instrumentos no qual usava na celebração no final do "baba" de fim de semana. No meio disso aprendi a tocar alguns desses instrumentos até conhecer o Eric que era educador na cidade do saber e ministrava aulas de percussão.

---

Percussionista 43, 27 anos

Entrei em uma escolinha de percussão para jovens com 11 anos de idade, e a partir daí comecei a me interessar mais e consequente a buscar mais por isso. Então um pouco mais tarde participei de um curso de percussão na escola onde estudava, e foi onde eu pude conhecer e saber sobre o Cortejo Afro, que é a banda que faço parte atualmente já por 7 anos.

---

Percussionista 18, 24 anos

### Gostaria de compartilhar mais da sua trajetória musical conosco? Conte-nos.

Fico feliz e orgulhosa de ter inspirado tantos percussionistas, principalmente as mulheres, porque acho que ajudei a pavimentar estes caminhos para esta geração de percussionistas que hoje vejo tocando profissionalmente! Que assim seja, e que cada vez mais as mulheres alcancem o mesmo respeito e credibilidade na sua profissão, quanto os homens tem, porque na época que comecei a minha carreira este universo musical era reservado somente para os homens.

---

Percussionista 4, 50 anos

São 10 anos de estrada, comecei aos 16 anos, cheios de idas vindas, nada fixo, nada certo, nem a minha certeza em musicista. É um universo denso e dolorido muitas vezes. tem suas felicidades também. Muitas mulheres estão engessando nessa atmosfera e construindo espaços de resistência para si e para outras mulheres.

---

#### Percussionista 10, 27 anos

Nesses longos anos de estudo a luta foi bem árdua aí em Salvador, uma cidade bem machista, isso me fez olhar para outros horizontes e ir em buscar de realizar meu grande sonho que é poder viver e trabalhar com o que mais amo na vida que é tocar percussão e ensinar música para as pessoas. Me sentia muito mal em sempre estudar música e não sair daí para nada, ficava sempre à espera de uma artista para nos convidar porém, o texto do convite era sempre o mesmo: quero ter algo "diferente" na minha banda, mas o que eu esperava era que me chamasse pela minha música. Fui uma das primeiras mulheres a tocar timbau no Brasil.

---

#### Percussionista 12, 39 anos

Bom... Rsrtrs, tenho que contar que é uma labuta, uma mulher, mulher preta viver da arte, ainda mais quando ela resolve escolher uma área que é propriamente dita, uma exclusividade masculina! É difícil, muito difícil conquistar um espaço, sofremos boicote todo momento, perdemos "amigos", é uma competição tremenda. Ainda mais quando a mulher é uma boa percussionista, são dias de lutas e glórias. Tem que ser forte, manter a cabeça erguida e não desistir. As vezes não aguentamos, ficamos desmotivadas, vamos parando pelo caminho. Eu parei várias vezes. Mas, amo tocar e sempre estou tentando... É difícil!! Só que eu tenho fé, força de vontade e tento incansavelmente.

---

#### Percussionista 13, 21 anos

A música é muito importante em minha vida pois faço parte de uma periferia, mas com um olhar voltado pra música que não me permite vivenciar as coisas que são de maior força nas favelas (drogas), prefiro estar sempre fora estudando música do que nas ruas e vielas da minha favela. sei que tenho muito mais a aprender e viver no meio musical. Quando lembro da minha primeira viagem internacional sinto mais força em continuar na música para vivenciar várias outras pois é maravilhoso.

---

#### Percussionista 29, 28 anos

## 4.2 ARGUMENTO

*Toque Feminino: Mulheres percussionistas de Salvador* é um documentário que se propõe a contar a trajetória de mulheres que escolheram o universo da música percussiva, não só como campo de atuação, mas também de expressão artística e resistência frente a notória assimetria de gênero no cenário musical da Bahia, em especial, de Salvador.

Essas histórias que por vezes se entrelaçam, seja pela semelhança de vivências ou nos palcos da vida, se encontram neste documentário por meio de entrevistas, depoimentos e outros elementos que ajudam a enriquecer visualmente a narrativa - fotografias e imagens de arquivo - e sonoramente, através de performance musical das percussionistas. Outras mulheres se juntam às personagens para enfatizar, por meio das suas atividades artísticas e acadêmicas, a construção de uma rede de trocas, suporte e valorização dessas musicistas.

Algumas questões, erroneamente, se sobrepõem quando mulheres decidem atuar em ambientes que estão, predominantemente, ocupados por homens. Essas questões vão desde a associação da presença feminina como algo exótico à hipersexualização ou questionamento da sua identidade de gênero.

Mulheres como Mônica Millet, Rosemeire Santos (Ratinha) e Adriana Portela, instituições voltadas para o ensino de mulheres como a Associação Educativa e Cultural Didá, serviram de referência, ao mesmo tempo em que “preparavam o terreno” para jovens como Alana Gabriela e Maya Lord. Atualmente, a profissionalização e ocupação de espaços de maior visibilidade nos grupos e bandas de Salvador, tem se tornado uma realidade para jovens que passaram a entender que esses espaços têm seu valor e, sobretudo, são representativos para o gênero feminino.

As lutas feministas em diferentes setores sociais, as instituições formais de ensino e projetos sociais contribuíram na e para a formação de mulheres percussionistas. Contudo, o mercado da música afro baiana ainda não consegue refletir em grande escala esse avanço e a lacuna posta entre a formação e a profissionalização dessas musicistas, tem diminuído a curtos passos, mas que têm se mostrado significativos.

Logo, com a utilização dos recursos mencionados e com o amparo das personagens escolhidas para este documentário, esse material contribuirá para a ampliação da discussão sobre os espaços de atuação profissional e de visibilidade para estas mulheres. Mas, além disso, servirá para mostrar que o batoque, o toque feminino existe e resiste.

### 4.3 PERSONAGENS

#### 4.3.1 Adriana Portela, 39 anos

O encontro de Adriana com os tambores se deu através da Dança Afro quando, a então dançarina, foi “Mulher Olodum”, em 1992. Sua história na percussão também se cruza com o surgimento da Didá - primeira escola exclusiva para o ensino e prática percussiva de mulheres - idealizada pelo Mestre Neguinho do Samba (Olodum). Adriana fez parte da primeira aparição da Didá em público, em 1994, quando o grupo foi tocar na Lavagem do Bonfim, daquele ano, e surpreendendo ao público, pois mulheres tocando percussão era uma novidade. Através da sua experiência como dançarina, ela contribuiu para a inserção de elementos de dança na performance do grupo, transformando-o em um ballet percussivo. Integrante da Didá até hoje, como Maestrina e Diretora de Patrimônio, Adriana se orgulha de ter sido a primeira mulher a reger uma banda percussiva de samba-reggae no mundo.

#### 4.3.2 Alana Gabriela, 19 anos

O projeto socioeducativo e cultural Quabales foi o grande divisor de águas na vida de Alana, foi lá que ela decidiu que viveria para a música. Através de uma panfletagem feita por Marivaldo dos Santos, idealizador do projeto, Alana tomou conhecimento de um workshop de percussão que aconteceria no bairro do Nordeste de Amaralina, onde reside até hoje. O Quabales, surgiu em 2012 e passou de um simples workshop, a um projeto social reconhecido internacionalmente, por formar jovens que percute em latas, baldes e com cabos de vassoura. Após alguns anos, Alana decidiu “mergulhar de cabeça” no universo da percussão e passou a estudar instrumentos convencionais na Associação Pracatum Ação Social (ASPAS), no Candeal. Com esse aprendizado, ela conquistou vaga na primeira turma do curso de Música Popular com habilitação em percussão, na EMUS - UFBA. Hoje, concilia os estudos com as agendas dos grupos que integra no Quabales, Pracatum, Rumpilezzinho – projeto do maestro Letieres Leite - e outros trabalhos.

#### 4.3.3 Mônica Millet, 58 anos

Mônica Millet é uma das percussionistas mais antigas da cena musical soteropolitana. Sua maior referência percussiva está na experiência adquirida no candomblé, no qual, o espaço para tocar em rituais é exclusivo para homens - os *Alagbês*. Neta de Mãe Menininha do *Gantois*, Mônica teve seu primeiro contato com a percussão dentro do Terreiro do *Gantois*, em Salvador, ainda pequena, após se mudar do Rio de Janeiro. Dentro do terreiro, Mônica aproveitava os

momentos recreativos para praticar os toques do candomblé em latas ou nos sambas que lá aconteciam. Foi em um desses sambas que Maria Bethânia a viu tocar e fez o convite para participar do disco Pássaro Proibido, na faixa As ayabás, em 1976. Este episódio marcou a entrada da percussionista na indústria fonográfica. Além de Bethânia, ela tocou com artistas como Gal Costa, Caetano Veloso e Marisa Monte. Hoje, a percussionista se dedica ao ensino através de oficinas de toques do candomblé para mulheres, a exemplo do projeto Mestras do Saber, além de incentivar à busca por conhecimento e união entre elas.

#### **4.3.4 Rosemeire Santos (Ratinha), 36 anos**

Criada em um dos lugares de maior referência musical e cultural de Salvador, o Candeal, Ratinha, como é conhecida no meio artístico, encontrava aprendizado a cada esquina do bairro onde mora até hoje. Através do projeto Bolacha Maria, idealizado pelo cantor e multi-instrumentista, Carlinhos Brown, Ratinha teve a primeira oportunidade de tocar instrumentos de percussão, junto com outras meninas. Por meio deste grupo, participou de grandes eventos como Perc Pan, Festival de Montreux, na Suíça, Festival de Tübingen, na Alemanha, entre outros. Em 1997, foi convidada pelo empresário Cícero Menezes para integrar a banda As Meninas que, em 1999, lançou o álbum “Xibom bombom”, alcançando mais de 400 mil cópias vendidas pelo Brasil e em países como Portugal, Chile, EUA, Angola, Argentina, entre outros. Hoje, ela integra a banda do cantor Denny Denan – ex-vocalista da banda Timbalada, além do grupo Trietá, formado por mais duas percussionistas Lenynha Oliveira e Daniela Pena.

#### **4.3.5 Taí Amaia (Maya Lord), 29 anos**

Residente na comunidade do entorno do Gantois, Maya teve o primeiro contato com a percussão através do projeto desenvolvido pelo primo Bira Jackson. Em 2000 entrou para a escola Didá, onde teve a oportunidade de tocar com artistas como Stevie Wonder e Daniela Mercury. Logo em seguida, passou pelo grupo A Mulherada. Depois de perder a avó, Maya decidiu formar o grupo Samba Lord's, liderado por ela, e que se apresenta frequentemente em bares da orla de Itapuã. Foi vendendo geladinho e roupas que Maya conseguiu comprar todo material da sua banda - desde equipamentos de som a instrumentos de percussão.

#### 4.3.6 Goli Guerreiro - Antropóloga, Pesquisadora da cultura afro baiana

**Mini bio**<sup>1</sup>: Baiana de Salvador, pós-doutora em antropologia e escritora. Modelou o conceito *Terceira diáspora* sobre trocas culturais pós-internet; publicou dois livros-irmãos sobre o tema. Escreveu também *A trama dos tambores — a cena afro-pop de Salvador* e *Terror e aventura — tráfico de africanos e cotidiano na Bahia*. Realizou um segundo pós-doutorado em Letras, do qual resultou seu primeiro romance, *Alzira está morta – Ficção histórica no mundo negro do Atlântico*, vencedor do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. Compôs assim uma trilogia sobre trocas culturais no mundo atlântico. Edita o blog [www.terceiradiaspora.blogspot.com](http://www.terceiradiaspora.blogspot.com) sobre repertórios culturais do mundo negro. É curadora do acervo fotográfico de Arlete Soares, fundadora da Editora Corrupio.

Goli Guerreiro é uma das nossas principais fontes bibliográficas para produção desse documentário, pois quase não há produção literária que trate de mulheres na percussão. Em seu livro “A Trama dos Tambores”, Goli dedicou o capítulo “Mulheres no Batuque” para abordar o surgimento da Didá e a atuação de mulheres na percussão, o que nos auxiliou a delinear e delimitar melhor o nosso tema.

#### 4.3.7 Zinha Franco - produtora musical, baixista e compositora

Aos 17 anos, iniciou a carreira musical como contrabaixista e compositora. Desde muito cedo já revelava seus questionamentos acerca da mulher na música, a exemplo da banda Frida, um dos grupos que fez parte, composto por quatro meninas.

Em 2018, Zinha recebe o convite para produzir sua primeira banda em Salvador, a Obirin Trio. O grupo a inspirou na criação da Estação Zinha, primeira produtora artística musical exclusiva para mulheres negras e já lançou a *Panteras Negras*, primeira banda instrumental do mundo a ser formada apenas por mulheres negras.

Após 10 anos como instrumentista, Zinha passou a atuar como *CEO*, mapeadora e *coach* musical de musicistas negras. A produtora se define como alguém que “busca abrir um novo campo na música baiana, para nutrir desejos e resgatar sonhos de mulheres negras musicistas, para que saibam se colocar no meio musical”.

---

<sup>1</sup> Retirado do site Buala. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/autor/goli-guerreiro>>. Acesso em 09/06/2019 às 18h39.



#### 4.4 EQUIPE

Pelo fato da autora Cristiana Fernandes ser Bacharela em Artes com ênfase em Cinema e Audiovisual e já atuar na área do audiovisual, isso fez com que tivéssemos facilidade para encontrar parceiros que aceitassem fazer parte deste projeto de forma voluntária. Acreditamos que a formação da equipe vai além da aproximação com Cristiana, mas também por terem aprovado a proposta do projeto em si. Jefté Rodrigues (filmagem e direção de fotografia), foi o primeiro nome a ser cogitado, visto que ele já nos auxiliou no documentário *Uma Economia à Serviço da Vida*.

Como optamos por usar duas câmeras, chamamos Fabíola Silva (filmagem) para operar a segunda câmera. Cristiana e Fabíola fizeram parte da equipe do programa *Jazz na Madrugada* – TVE Bahia. Inicialmente, Inagê Kaluanã foi convidado para fazer o grafismo do documentário, contudo, decidimos fechar uma parceria para que a produtora de Kaluanã, a Kaluanart, ficasse responsável pela edição, finalização e grafismo.

A composição dessa equipe foi pensada com o intuito de termos profissionais em que tivéssemos confiança e pudéssemos deixá-los à vontade para desenvolver a sua função com independência para criar e sugerir. Como Cristina já os conhecia, tinha uma noção de como eles poderiam contribuir para o processo criativo, levando em consideração as nossas limitações de tempo, espaço e financeira.

##### 4.4.1 Fabíola Silva – Filmagem

**Mini bio** - Natural de Salvador, atua como Operadora e assistente de câmera. Seus principais trabalhos são *Jazz na Madrugada* – TVE Bahia, 2013 (assistente de câmera); *Web Série Retratos* (operadora de câmera); *Homem Livre* longa metragem, 2014 (2º assistente de câmera); *Travessia* longa metragem, 2015 (vídeo assistente e 3º assistente de câmera); *Francisco Só Quer Jogar Bola*, série infantil, 2016 (2º assistente de câmera); *Culturama*, reality show, 2017 (1º assistente de câmera); *Solidão da Mulher Preta*, videoclipe, 2018 (direção e direção de fotografia); *1/3 da tropa*, videoclipe, 2018 (direção e direção de fotografia); *Maré Kawô*, videoclipe, 2018 (direção de fotografia); *Sonhadores*, série, 2018 (2º assistente de câmera); *Frequência Positiva*, série, 2018 (1º assistente de câmera).

##### 4.4.2 Inagê Kaluanã, da Kaluanart – Edição, Finalização e Grafismo

**Mini bio** - Profissional de audiovisual, cinema e criação. Uma pessoa que ressalta que as palavras “profissional” e “jovem” cabem numa mesma sentença e que não gosta de falar de si mesmo na terceira pessoa. Eu tenho 24 anos, nativo de Salvador - BA, Inagê é o meu sobrenome

civil, Tupi Guarani e significa “águia”. Na minha bagagem de aprendizado trago a maior parte da minha experiência profissional como Editor, Montador e *Motion*, mas o meu aprendizado hábil, paixão (ou a necessidade) me fizeram desempenhar a minha sensibilidade em outros desdobramentos da área.

Editor e Montador - TV Pelourinho (2012 – 2013); Modelador e Generalista 3D - 3D Reality (2013 – 2014); Editor e Montador, *Motion*, CG e VFX - TV Pelourinho (2013 – 2014); Editor e *Motion* - Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional – CAR / SDR (2017 – 2018).

**Kaluanart** - Produtora audiovisual propulsora de uma *holding* de soluções em criação de conteúdo, filmes, vídeo e computação gráfica, formada por uma equipe modular de jovens cineastas negros.

#### **4.4.3 Jefté Rodrigues – Direção de Fotografia e Filmagem**

**Mini bio** – Natural de Salvador, atua como Operador de Câmera e editor de vídeo. Seus principais trabalhos são *TV Pelourinho*, 2010-2013 (Editor e Cinegrafista); *Jazz na Madrugada* – TVE Bahia, 2013 (operador de câmera); *Campanha Política para Deputado Federal*, 2015 (Editor e Cinegrafista); *Vídeos de Casamento* - Dilson Filmes, 2016 (Operador de Câmera); *Francisco Só Quer Jogar Bola*, série infantil, 2016 (2º Câmera e assistente de câmera); *Jornal Correio*, 2016 (Editor e Operador de Câmera); *Campanha Política Deputado Federal*, 2018 (Cinegrafista); *Wings*, curta metragem britânico, 2019 (Cinegrafista Aquático); *Jornalismo* - TV Bahia, 2019 (Cinegrafista).

## 4.5 GRAVAÇÕES

Apesar de termos dedicado tempo e atenção para a pré-produção, ocorreram alguns imprevistos durante o processo de gravação. Nosso planejamento inicial contava com três dias de gravação com as fontes, mas concluímos todas as entrevistas em cinco dias, entre 11 e 22 de abril de 2019.

Durante as gravações, a equipe reversava para fazer o monitoramento do áudio do gravador, pois não tivemos condições de ter mais uma pessoa na equipe para operar exclusivamente o áudio. Como solução utilizamos um tripé para a vara boom. Após as gravações, já na ilha de edição, percebemos que o áudio do microfone lapela apresentou um ruído constante nas entrevistas com Monica Millet e Adriana Portela, ainda que um pouco menos. Esse ruído não foi perceptível durante o monitoramento do lapela. Acreditamos que tenha sido algum problema no fio do receptor por já apresentar alguns reparos.

Precisamos marcar com três das cinco percussionistas para fazermos imagens de cobertura. Devido a indisponibilidade da equipe que nos acompanhou, Cristiana assumiu a gravação no primeiro dia com o próprio equipamento, uma T3i.

No segundo dia, tentamos gravar com o equipamento da faculdade, mas não conseguimos encontrar o funcionário do Lab AV para fazer a retirada do equipamento e tivemos que cancelar a gravação, de última hora. No terceiro dia, contamos com a presença de Jefte Rodrigues e Cristiana para fazer as imagens.

### 4.5.1 Equipamentos

Para gravar o documentário tivemos a ajuda de Jefte Rodrigues também com os equipamentos. Ele levou para as gravações uma câmera 5D Mark II, as lentes 24-105mm f4, 50mm f1.8, 14mm f2.8, dois refletores *Fresnel*, tripé para câmera, tripé para luz, gravador *Zoom H4n*, microfone boom, microfone lapela *Sony, gladecam*, sete baterias Canon e quatro cartões *compact flash*.

Conseguimos também com o laboratório LabAV Facom alguns equipamentos, mas só usamos a câmera 5D Mark III, uma lente 16-35mm f2.8, um cartão *compact flash*, um tripé e duas baterias Canon.

### 4.5.2 Locações

As locações foram definidas de acordo com a relação de cada percussionista com o espaço. Alana Gabriela: tivemos a possibilidade de gravar em três, das quatro instituições das quais ela faz parte que foram: EMUS - UFBA, Pracatum e Projeto Quabales. Adriana Portela:

gravamos na Sede da Didá, no Pelourinho. Contamos com o apoio do Estúdio SóBrasa, também localizado no Pelourinho, para a gravação com a produtora musical Zinha Franco. A gravação com Goli Guerreiro aconteceu na Pracatum pois ela trabalha na instituição e isso fez com que a gente não saísse de ambientes ligados à música.

Enfrentamos mudanças de locação com Maya Lord, pois o local sugerido por ela, em Itapuã, fica próximo à praia. De última hora, contamos com o apoio da Casa da Música, em Itapuã, para fazer a gravação. Também tivemos que mudar o espaço onde gostaríamos que fosse a gravação com Mônica Millet. Escolhemos o Terreiro de Gantois, por ser o lugar em que ela iniciou a sua carreira, entretanto, por motivos pessoais, Millet nos solicitou a mudança para o espaço do Grupo Nzinga de Capoeira de Angola. Por ser um ambiente semiaberto e frente de rua, fomos surpreendidos com o baralho constante de carros e por uma forte chuva.

#### 4.5.3 Logística

Estava previsto no anteprojeto que gastaríamos em torno de R\$600,00 para custear despesas com a alimentação da equipe, transporte e custos adicionais, porém, quando começamos a programar as demandas para cada dia de gravação, ainda na pré-produção, percebemos que gastaríamos muito mais. A solução que encontramos para a redução de gastos foi acionar alguns pequenos empresários, que nos apoiaram fornecendo parte da alimentação da equipe. Foram eles: Talú Gordelícias, Kisfiha, Poró Restaurante e Bar e Produtora Ruffo.

Abaixo segue tabela com os custos que tivemos:

| <b>Item</b>                            | <b>Custo (R\$)</b> |
|--|--------------------|
| Alimentação                            | 242,04             |
| Transporte (Uber, ônibus, combustível) | 415,03             |
| Outros (pilhas, fita adesiva)          | 40,00              |
| <b>Total</b>                           | <b>697,07</b>      |

## **5. PÓS PRODUÇÃO**

### **5.1 DECUPAGEM**

Antes de tudo, é preciso deixar claro que o que está sendo chamado pelas autoras como decupagem é, na verdade, um pré corte direto no programa de edição Adobe Premiere Pro CC 2018. Ao final das gravações, tínhamos mais de quatro horas de entrevistas o que demandou, para esta etapa, a realização de oito encontros presenciais de meio turno, em uma das ilhas de edição do LabAV.

Ao longo desses encontros fizemos três reduções até chegarmos em 28 minutos de fala. Sobre este momento da produção Sérgio Puccini afirma:

Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor). (2007, p. 22)

O fato de Cristiana saber manusear o programa de edição, fez com que ela e Gabriela passasse mais tempo com o material antes de passá-lo para o editor. Isso gerou uma maior aproximação das autoras com o documentário e fez com que a narrativa, em questão das falas das personagens, tomasse forma pouco antes do processo de finalização.

## 5.2 MONTAGEM E FINALIZAÇÃO

Para a montagem e finalização do documentário tivemos três encontros com Inagê Kaluanã, da Kaluanart. A fim de otimizar o tempo de encontro com o editor tivemos que criar guias de inserção de imagens, cortes e de possíveis criações com as decisões que foram tomadas a partir de um consenso com o orientador, Marcelo Costa, acerca da montagem e conteúdo.

Segundo Puccini:

A etapa de montagem do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. (...) Mesmo no caso de não ser escrito no papel, o roteiro do filme virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador; será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário. (2007, p. 175)

Dentre os produtos cinematográficos que nos influenciaram diretamente nas decisões finais para a concepção de *Toque Feminino* estão o documentário *Cartola: Música para os olhos*<sup>2</sup> e o mini-doc *Boca de Rua - Vozes de uma Gente Invisível*<sup>3</sup>. O filme *Cartola* se tornou um referencial por ser um documentário musical, pelo uso do *talking heads* e o equilíbrio entre os depoimentos e as imagens/vídeos de arquivo. Já o mini-doc *Boca de Rua* nos influenciou por se aproximar do resultado que esperávamos ter. Ele foi referência para captação de imagem em diferentes ações/situações. Também gostamos da dinâmica de montagem desse filme por ser criativa, fluida e pelo bom uso do grafismo em momentos pontuais.

O trabalho de pesquisa das imagens de arquivo ocorreu em duas etapas. A primeira, antes das gravações para que as autoras pudessem conhecer melhor o trabalho de cada personagem escolhida. A segunda, ocorreu durante a montagem, de acordo com a necessidade de ilustração e/ou exemplificação das falas e dos momentos pontuados nas entrevistas.

O documentário foi todo montado no programa Adobe Premiere Pro CC 2018 e o grafismo e os créditos foram feitos no programa Adobe After Effects.

---

<sup>2</sup> NA TELINHA: *Cartola: Música para os olhos*. Direção de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda. Brasil, 2006. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=E3nzLCMgztA&has\\_verified=1](https://www.youtube.com/watch?v=E3nzLCMgztA&has_verified=1)> Acesso em: 09 jun 2019 às 19h54min

<sup>3</sup> BOCA DE RUA: *Boca de Rua – Vozes de Uma Gente Invisível*. Direção de Marcelo Andrighetti. Brasil, 2013. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=5TtoMSiRn0w&feature=youtu.be>> Acesso em: 09 jun 2019 às 19h23min

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso para a construção do documentário *Toque Feminino - Mulheres Percussionistas de Salvador*, em todas as suas etapas, apesar de árduo, foi nitidamente prazeroso.

Os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação foram imprescindíveis no momento de decisão sobre o que faríamos para a conclusão do curso em jornalismo. Tínhamos muitas vontades e poucas certezas. Falar de mulheres, sobretudo negras, era uma delas. Temos noção de que ainda somos minoria em espaços acadêmicos e do quanto as nossas narrativas são invisibilizadas. Quando iniciamos as pesquisas percebemos o quão isto ainda é forte em relação ao tema escolhido.

*Toque Feminino* é, antes de mais nada, a nossa contribuição para essa discussão. Um TCC em formato de documentário foi a nossa forma de estabelecer diálogo não só com a academia, mas com aquelas pessoas que estão fora dela. Foi a nossa maneira de reunir em um tema de relevância social, o emprego de parte do que foi apreendido, ao longo da graduação.

Estamos satisfeitas com tudo que aqui foi descrito, com o que foi parar na “tela” e com tudo que ficou nos bastidores. Nosso objetivo era fazer algo que fosse significativo e além da conferência do grau de bacharelas em uma área do conhecimento.

Queríamos que os envolvidos diretamente no processo “abraçassem” a ideia e sentissem satisfação por fazer parte dela. Notamos que esse objetivo foi atingido. Isto foi demonstrado nas conversas “ao apagar das luzes”, quando as câmeras já não estávamos mais ligadas e serviram para ratificar que estávamos no caminho certo.

A continuidade desse projeto está entre as nossas ambições de futuras jornalistas. Almejamos a ampliação, a exibição, o debate, prêmios e, sobretudo, o que mais queremos é que o documentário *Toque Feminino* possa mostrar às meninas, jovens, mulheres percussionistas ou não, que elas não estão sós.

## 7. REFERÊNCIAS

### 7.1 BIBLIOGRAFIA

- BAIROS, L. Nossos Feminismos Revisitados. **Estudos Feministas**, ano 3, n 2, 1995. Disponível em <<http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-3-BAIROS-Luiza-Nossos-feminismos-revisitados.pdf>> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h29min
- BARROS, Iuri Ricardo Passos. Elas podem tocar atabaque? In: **XII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador 2016, n.p. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35138806/ELAS\\_PODEM\\_TOCAR\\_ATABAQUE](https://www.academia.edu/35138806/ELAS_PODEM_TOCAR_ATABAQUE)> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h09min
- GUERREIRO, G. Mulheres no Batuque. In: GUERREIRO, G. **A Trama dos Tambores: A música afro-pop de Salvador**. São Paulo: Ed. 34, 200, p.197-208
- HOOKS, B. The Oppositional Gaze: Black Female Spectators. **Fora de Quadro**. Tradução de Maria Carolina Morais, 1992, n.p. Disponível em <https://foraquadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h29min
- LICHOTE, Leonardo. No Pelourinho, 20º PercPan destaca o papel da mulher na música. **O Globo**, 25 julho de 2014. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/no-pelourinho-20-percpan-destaca-papel-da-mulher-na-musica-13370479> Acesso em: 09 jun 2019 às 19h23min
- MEDICI, J.; CASTRO C.; MONTEIRO, T. **O Futuro é Feminino: o Empoderamento Feminino por Meio da Música**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), XL, 2017. Rio de Janeiro: IFRJ, 2017. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h12min
- Meninas baianas trocam panela por timbau. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 4 maio de 1994. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/04/ilustrada/1.html>> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h52min
- SCHNEIDER, C. **A asserção no cinema documentário musical brasileiro**. Campinas, SP : [s.n.], 2015 Disponível em <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285163/1/Schneider\\_CynthiaLeticia\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285163/1/Schneider_CynthiaLeticia_D.pdf)> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h52min
- NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2008.
- SOARES, S. J. P. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. 2007. 250 p. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.] Disponível em: <[http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares\\_SergioJosePuccini\\_D.pdf](http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares_SergioJosePuccini_D.pdf)> Acesso em: 09 jun 2019 às 18h25min
- ROCHA, S. No candomblé mulher toca! A tradição reinventada. In: IV Congresso Internacional sobre Culturas, Cachoeira: 2018. **Anais** [...] Disponível em <<https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp->



<content/uploads/sites/19/2019/03/ROCHA-Sanara-S..pdf> > Acesso em: 09 jun 2019 às 18h52min

## 7.2 FILMOGRAFIA

BOCA DE RUA: Boca de Rua – Vozes de Uma Gente Invisível. Direção de Marcelo Andrighetti. Brasil, 2013 (10 min) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5TtoMSiRn0w&feature=youtu.be> > Acesso em: 09 jun 2019 às 19h23min

MESTRAS DO SABER: Minidoc: Projeto Mestras do Saber - Mestra Mônica Millet. Dirigido por Nina La Croix. Salvador, 2018 (12 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5bfk9US8hCc> > Acesso em: 09 jun 2019 às 19h23min

NA TELINHA: Cartola: Música para os olhos. Direção de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda. Brasil, 2006 (1h28 min). Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=E3nzLCMgzA&has\\_verified=1](https://www.youtube.com/watch?v=E3nzLCMgzA&has_verified=1) > Acesso em: 09 jun 2019 às 19h54min

## 8. ANEXOS

### ANEXO 1 - Questionário da Pesquisa

#### Mulheres Percussionistas

Se você é mulher e toca percussão é justamente contigo que queremos dialogar!

Seguinte: o nosso objetivo é realizar um documentário sobre a atuação de mulheres na percussão do cenário musical de Salvador.

Que tal nos dar essa forcinha? Basta responder a este formulário! ;) As perguntas foram direcionadas para traçarmos o perfil socioeconômico e as experiências musicais das nossas entrevistadas.

Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Bahia, das estudantes Cristiana Fernandes e Gabriela Ferreira.

**\*Obrigatório**

Endereço de e-mail \*

Nome \*

Nome artístico

Nome social

(Nome social é o nome pelo qual pessoas trans e travestis preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome que foi oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero)

Idade (anos completos) \*

Estado Civil \*

Casada

Viúva

Solteira

Vivo com companheira (o)

Separada / Divorciada

Outro:

Naturalidade \*

Estrangeira  
Brasileira  
Outro:

Estado e município de origem \*

Bairro onde reside \*

Em relação à cor da pele, você se considera: \*

Branca  
Parda  
Preta  
Amarela (oriental)  
Vermelha (indígena)  
Prefiro não declarar

Com quem você mora? \*

Mais de uma opção poderá ser marcada  
Sozinha  
Mãe  
Pai  
Irmãs (os)  
Filhas (os)  
Cônjuge  
Companheiro (a)  
Amigos  
Outros

Tem filhos? Quantos?

Atualmente você: \*

(Mais de uma opção poderá ser marcada)  
Estuda  
Trabalha  
Está de licença ou incapacitada de estudar/trabalhar  
Está desempregada

Qual é o seu trabalho ou ocupação principal? \*

Qual a média da sua renda familiar mensal? \*

(Considerando a soma da renda daqueles que moram e contribuem para o sustento do lar)  
Menos de 1 salário mínimo  
De 1 a 2 salários mínimos  
De 2 a 3 salários mínimos  
De 3 a 4 salários mínimos  
Acima de 5 salários mínimos

Qual a sua participação na vida econômica do grupo familiar? \*

Não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas  
Trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas  
Trabalho e sou responsável apenas por meu próprio sustento  
Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família

Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família  
 Outro

#### Grau de escolaridade

Ensino fundamental incompleto  
 Ensino fundamental completo  
 Ensino médio incompleto  
 Ensino médio completo  
 Ensino superior incompleto  
 Ensino superior completo  
 Pós-graduação  
 Mestrado  
 Doutorado  
 Pós-Doutorado

Você cursou ou cursa o ensino superior em universidade pública? \*

Sim  
 Não

Você cursa ou cursou ensino superior em Universidade privada?

Sim  
 Sim (com bolsa)  
 Não

Em relação à religião, você é: \*

Ateísta  
 Agnóstico  
 Católico  
 Protestante (evangélico, batista, testemunha de Jeová ou outro)  
 Espírita  
 Umbanda  
 Candomblé  
 Budista  
 Prefiro não declarar

Há quantos anos você se reconhece como musicista/percussionista? \*

Quais instrumentos você toca? \*

(Pode inserir os que não forem percussivos)

Você participa ou já participou de alguma instituição de ensino de música percussiva?

Qual? \*

Como se deu o processo de aprendizagem da percussão? \*

Possui algum familiar que seja ligado à música? \*

Sim  
 Não

Em relação à atuação profissional, você já tocou em alguma banda? Qual? \*

(Especifique a duração)

Já tocou em evento a nível: \*

(Pode marcar mais de um)

Municipal

Estadual

Federal

Internacional

Gostaria de compartilhar mais da sua trajetória musical conosco? Conte-nos.

(Aqui é importante que você fale de questões que não foram perguntadas anteriormente ou detalhe o que achar relevante.

Fique à vontade.)

Se necessário, você nos cederia entrevista no formato de áudio e vídeo?

Sim

Não

Deixe seu contato aqui:

## ANEXO 2 - CALENDÁRIO “TOQUE FEMININO” – TCC CRIS E GAB

| Segunda-feira                             | Terça-feira                               | Quarta-feira                                  | Quinta-feira                              | Sexta-feira                            | Sábado                                 | Domingo                                | Anotação |
|---|---|---|---|--|--|--|----------|
| 25/03<br>Ajustes material para orientador | 26/03<br>Ajustes material para orientador | 27/03<br>MEMORIAL                             | 28/03<br>Reunião via Skype com orientador | 29/03<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      | 30/03<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      | 31/03<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      |          |
| 01/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL         | 02/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL         | 03/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL             | 04/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL         | 05/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      | 06/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      | 07/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL      |          |
| 08/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL         | 09/04<br>PRÉ-PRODUÇÃO<br>MEMORIAL         | 10/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)<br>Início férias Cris | 11/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 12/04<br>GRAVAÇÃO (M)                  | 13/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                | 14/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                |          |
| 15/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 16/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 17/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                       | 18/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 19/04<br>FERIADO DE PASCOA<br>MEMORIAL | 20/04<br>FERIADO DE PASCOA<br>MEMORIAL | 21/04<br>FERIADO DE PASCOA<br>MEMORIAL |          |
| 22/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 23/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 24/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                       | 25/04<br>GRAVAÇÃO (DIA)                   | 26/04<br>GRAVAÇÃO (M)                  | 27/04<br>MEMORIAL                      | 28/04<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL         |          |
| 29/04<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL            | 30/04<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL            |   |   | Final férias Cris                      | Cris Pós All day                       |  |          |
|   |   | 01/05<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL<br>FERIADO     | 02/05<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL            | 03/05<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL         | 04/05<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL         | 05/05<br>DECUPAGEM<br>MEMORIAL         |          |

ANEXO 2 - CALENDÁRIO “TOQUE FEMININO” – TCC CRIS E GAB

|       |                                     |       |                                     |       |                                     |       |                                     |       |                         |       |                         |       |                         |
|-------|-------------------------------------|-------|-------------------------------------|-------|-------------------------------------|-------|-------------------------------------|-------|-------------------------|-------|-------------------------|-------|-------------------------|
| 06/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL<br>INDICAR BANCA | 07/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL<br>INDICAR BANCA | 08/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL<br>INDICAR BANCA | 09/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL<br>INDICAR BANCA | 10/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL      | 11/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL      | 12/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL      |
| 13/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL                  | 14/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL                  | 15/05 | EDIÇÃO<br>MEMORIAL                  | 16/05 | 1º CORTE<br>MEMORIAL                | 17/05 | MEMORIAL                | 18/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL | 19/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL |
| 20/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 21/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 22/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 23/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 24/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL | 25/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL | 26/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL |
| 27/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 28/05 | FINALIZAÇÃO<br>MEMORIAL             | 29/05 | ENTREGAR TCC                        | 30/05 | ENTREGAR TCC                        | 31/05 | ENTREGAR TCC            | JUNHO |                         | 16/06 | ENSAIAR<br>APRESENTAÇÃO |
| 17/06 | ENSAIAR<br>APRESENTAÇÃO             | 18/06 | APRESENTAR<br>TCC – 19H<br>1ª OPÇÃO | 19/06 | APRESENTAR<br>TCC – 19H<br>2ª OPÇÃO | 20/06 | FERIADO                             | 21/06 | FERIADO                 | 22/06 |                         | 23/06 | FERIADO                 |
| 24/06 | FERIADO                             | 25/06 | AJUSTE                              | 26/06 | AJUSTE                              | 27/06 | AJUSTE                              | 28/06 | AJUSTE                  | 29/06 | AJUSTE                  | 30/06 | AJUSTE                  |
| 01/07 | AJUSTE                              | 02/07 | AJUSTE                              | 03/07 | VERSÃO FINAL<br>ADEUS, FACOM!       |       |                                     |       |                         |       |                         |       |                         |

**ANEXO 3 – Fotos**

Figura 1: Entrevista com Alana Gabriela - Escola de Música da UFBA



Figura 2: Entrevista com a Antropóloga Goli Guerreiro - Pracatum



Figura 3: Entrevista com a Produtora Musical Zinha Franco - SóBrasa Estúdio e Sonorização





Figura 4: Entrevista com Maya Lord, Casa da Música - Itapuã



Figura 5: Gravação com Maya - Mirante do Parque Metropolitano do Abaeté



Figura 6: Entrevista com Rosemeire Santos (Ratinha) - Casa dela, Candéal



Figura 7 Autoras - Candeal



Figura 8 Equipe do documentário com entrevistada. Fabíola, Cristiana, Ratinha, Gabriela e Jefté - Candeal



Figura 9 Entrevista com Mônica Millet – Sede do Grupo Nzinga de Capoeira de Angola





Figura 10 Gravação com Mônica Millet – Sede do Grupo Nzinga de Capoeira de Angola



Figura 11 Entrevista com Adriana Portela - Associação Educativa e Cultural Didá



Figura 12 Apresentação do Grupo Samba Lord's - Itapuã